

## Descrições árabes do espaço algarvio, entre os séculos III h. / IX d.C. e VIII h. / XIV d.C.

António Rei  
D.H.A.P. – F.C.H.S. / Universidade do Algarve  
I.E.M. – F.C.S.H. / Universidade Nova de Lisboa  
Bolseiro da F.C.T.

### Introdução

O presente trabalho procura trazer, ao conhecimento do meio científico e do público em geral, uma colectânea de textos geográficos relativos ao espaço que hoje designamos por "Algarve", da autoria de uma dúzia de letrados árabes, dos quais cinco deles eram hispano-árabes. Entre obras mais antigas e compilações tardias, situam-se cronologicamente entre o século III/IX e o século VIII/XIV (a primeira data referente à Hégira e a segunda à Era Cristã).

Atendendo aos critérios editoriais adoptados, optámos por apresentar apenas os autores que não figuram na, ainda hoje, incontornável colectânea organizada pelo Prof. Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*.

Al-Ildrîsî, al-Himyarî, e al-Maqqarî, presentes naquela obra, não serão assim integrados, pois sendo bastante substanciais nas suas notícias, seguramente nos fariam ultrapassar significativamente o limite estabelecido de páginas.

Quanto ao texto atribuído a al-Râzî, que conhecemos através dos testemunhos da parte geográfica das *Crónicas do Mouro Rasis* e *Geral de Espanha de 1344*, e que também está presente na referida colectânea, incluímo-lo excepcionalmente, embora integrado na secção sobre Ibn Ghâlib. Pela razão de que foi este último, e não al-Râzî, o responsável pelo texto árabe que ao ser traduzido para português acabou por dar origem aos apartados geográficos das duas citadas Crónicas.

Aquela tradução, levada a cabo por iniciativa dos Senhores João Peres e Pero Eanes de Aboim-Portel, primeiros governadores cristãos do "Algarve", terá tido como ponto de partida um manuscrito da obra de Ibn Ghâlib que poderá ter-lhes chegado às mãos neste mesmo "Algarve", com mais probabilidades para que tal facto pudesse ter ocorrido em Silves, o mais renomado centro da cultura islamo-árabe do Sudoeste peninsular.

Assim, no apartado referente a al-Râzî apenas reteremos a referência explícita de Ibn Sa'îd a al-Râzî, na notícia sobre Silves.

Concluindo, os diferentes autores serão apresentados por ordem cronológica, e

apenas com as anotações explicativas consideradas indispensáveis. As datações que acompanham as notas biográficas dos autores e/ou obras, seguem a ordem (Hégira / Era Cristã).

Esperamos que os textos em presença possam de alguma forma auxiliar todos aqueles que se interessam pelo passado islamo-árabe do Algarve, e por que não, da Península Ibérica, mas também aos interessados e investigadores, do período romano, a montante; e da Baixa Idade Média portuguesa, a jusante daquilo que agora nos ocupa.

### Descrições árabes do espaço algarvio

#### *I – Abû Bakr Ahmad ibn Muhammad ibn Mûsâ al-Râzî* (Córdova, 274/888? – 344/955)

##### *Vida*

Considerado o Pai da História e da Geografia em al-Andalus, era natural de Córdova, tendo nascido cerca de 274/888.

Seu pai levou-o a aprender junto de vários mestres, tendo sido decisivo para ele o contacto com aquele que foi o seu mestre, o seu Saykh, Qasim bin Asbag al-Bayani, letrado que terá estado ligado à tradução, do latim para árabe, da obra de Orósio, *Histórias contra os Pagãos*.

Ligado ao meio califal e próximo do califa al-Hakam II, antes deste subir ao trono, dispôs de facilidades no acesso a obras sobre al-Andalus e sobre os seus governantes, mesmo aqueles que o foram bem antes da chegada do Islão a estas paragens.

Historiador, geógrafo, divulgador e poeta, veio a falecer em 344/955.

##### *Akhbâr mulûk al-Andalus (Notícias sobre os monarcas de al-A.)*

A geografia que dele nos ficou seria uma introdução ao seu *Akhbâr mulûk al-Andalus*. Obra desaparecida, e de que restam poucos excertos, presentes em outros autores, descreveria a Península, falando seguidamente do domínio e da vinda de outros povos, antes da conquista árabe.

(H. Mu'nis, *Târikh al-Jaghrâfiya...* pp. 27-80)

##### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- C1344p = *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. Lindley Cintra, IV vols., Lisboa, 1951 (ed. portuguesa).
- C1344c = *I edición crítica del texto español de la Cronica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, ed. D. Catalán / M. S. Andres, Madrid, 1971 (ed. castelhana).
- CMR = *Cronica del Moro Rasis*, ed. D. Catalán / M. S. Andres, Madrid, 1975.

- E. Lévi-Provençal, "Description de l'Espagne d'Ahmad al-Razi", *Al-Andalus* XVIII (1953), pp. 51-108.
- Hussayn Mu'nis, *Tārīkh al-Jaghrāfiya wa-l-Jaghrāfiyyīn fi-l-Andalus*, Madrid, IEL, 1967, pp. 27-80 [tex. ár].
- António Rei, *Memória de Espaços e Espaços de Memória. De al-Rāzī a D. Pedro de Barcelos*, Dissertação de Mestrado, FCSH / Univ. Nova de Lisboa (2002).
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

#### *Madīnat Shilb (Cidade de Silves)*

A sua construção ergue-se sobre um rio onde se fazem sentir as marés do Mar Circundante (1). E entre Silves e Córdova, para um cavaleiro, são nove dias.

(*apud* > *al-Mughrib...*: ed., p. 381)

#### NOTAS

*Preliminar*: Este excerto vem de Ibn Sa'īd (v. infra), que cita explicitamente o "Livro de al-Rāzī" como fonte.

- 1) Designação que identificava o Oceano Atlântico. A geografia árabe veiculava o conceito geográfico clássico que entendia a terra, a parte habitável do mundo, a oeste, terminando na Península Ibérica (< *Finisterra*), sendo o mar a ocidente um mar que envolvia (= circundava) todo o mundo então conhecido (v. sobre este tema importante, entre outros, a fonte tardo-antiga de Paulo Orósio, *História contra os Pagãos*, ed. e trad. José Cardoso, Braga, Univ. do Minho, 1986, pp. 27-29).

### **II – Abū I-'Abbās Ahmad ibn Abī Ya'qūb ibn Ja'far al-Ya'qūbī** (Médio Oriente, séc. III/IX)

#### *Vida*

Da sua vida conhece-se pouco, pois para além de sabermos que foi um *kâtib* (escrivão oficial), apenas se conhece a sua obra, a qual nos dá alguma informação sobre a sua existência e nos permite estimar quando terá vivido o seu autor.

(S. Maqbul Ahmad, "Djughrāfiya", *E. I.* 2, t. II, pp. 593-595; Georgette Cornu, "Les Géographes Orientaux des IXe. et Xe. siècles et al-Andalus", *Sharq al-Andalus* 3 (1986), pp. 11-18)

#### *Kitāb al-Buldān (O Livro dos Países)*

Compôs a sua obra cerca de 276/889-90. A sua metodologia assentava no uso da informação pessoal, da documentação e da viagem, embora a informação directa tenha sido a preponderante.

(*Idem*; A. Miquel, *La Géographie Humaine...*, p. XXI)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ya'qûbî, *Kitâb al-Buldân*, ed. De Goeje, BGA, t. VII, 1967, pp. 353-355.
- S. Maqbul Ahmad, "Djughrâfiya", *E. I.* 2, t. II, pp. 593-595.
- Georgette Cornu, "les Géographes Orientaux des IXe. et Xe. siècles et al-Andalus", *Sharq al-Andalus* 3 (1986), pp. 11-18).
- A. Miquel, *La Géographie Humaine...*, p. XXI.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

A Península de al-Andalus e as suas Cidades (Jazîrat al-Andalus wa Muduni-hâ)

[O Ocidente de al-Andalus]

"E a ocidente dela [Sevilha] também junto ao mar está uma cidade a que chamam Ocsónoba".

(Ed., p. 354)

**III – Abû-I-Qâsim Muhammad ibn 'Alî ibn Hawqal al-Nasibî**

(n. Nasibîn, séc. IV/X)

*Vida*

Originário de Nasibin, na Alta Mesopotâmia, aí terá passado sua infância e juventude até que começou a viajar em 331/943. Sabe-se pela sua obra que viajou imenso, até ao ano 358/973. Nessa altura estava na Sicília; a partir de então perde-se-lhe o rasto.

*Kitâb Surat al-Ard (Livro da Configuração da Terra)*

Ibn Hawqal, geógrafo da geração posterior à de al-Istakhrî, baseou-se na obra deste último, para organizar a sua própria. A sua intenção seria a de dar uma ideia mais exacta de um mundo ainda mal conhecido, buscando melhorar a obra daquele outro autor, que lhe servira como ponto de partida. Tê-lo-á conseguido, ampliando-lhe os dados, alargando-lhe as descrições, e não se restringindo apenas ao mundo islâmico.

Relativamente a al-Andalus, a viagem que empreendeu à Península em 948, forneceu-lhe muita informação directa, com que enriqueceu a sua obra.

Tê-la-á terminado por volta do ano 366/977.

(A. Miquel, *E. I.* 2, III, pp. 810-811; *idem*, *La Géographie Humaine...*, vol. I, p. XXXIV).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Hawqal, *Kitâb Sûrat al-Ard*, ed. J. H. Kramers, *Liber Imaginis Terrae*, BGA, vol II, Leyden, E. J. Brill, 1967.

- Trad. espanhola de M.<sup>a</sup> José Romani Suay, *Configuración del Mundo*, Textos Medievales, n.º 6, Valencia, 1971.
- Trad. francesa de J. H. Kramers e G. Wiet, *Configuration de la terre (Kitab Surat al-Ard)*, 2 ts. (pag. contínua), Beirute: Commission Internationale pour la traduction des Chefs d'oeuvre; Paris, Maisonneuve et Larose, 1964 (Col. UNESCO d'Oeuvres Répresentatives, Série ár.).
- A. Miquel, *La Géographie Humaine du Monde Musulman jusq'au milieu du 11<sup>e</sup> siècle*, 4 vols., Paris/Haia, Mouton, 1988 (1.<sup>a</sup> ed. 1967).
- *Idem*, E. I. 2, III, pp. 810-811.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

### Ocidente (Al-Maghrib)

[Limites de al-Andalus]

"E a sua fronteira é desde perto das terras da Galiza sobre a província de Santarém, [e segue] por Lisboa, [e] por Ocsónoba".

(Ed., p. 62; trad. esp., p. 11)

[...] "Província de Ocsónoba: nela, entre as cidades junto ao mar está Lepe (1) [e Silves]"

(Ed., p. 66; trad. esp., p. 15)

[...]

### A Hispânia islâmica (al-Andalus)

"Quanto ao ocidente desta península, partindo da entrada do golfo do Magrebe já referido, e local de desague da sua água no Mar Circundante (2), é, desde as regiões de Niebla e Gibrleón (3) tomando [em direcção] a Lepe e Silves".

(Ed., p. 109; trad. esp., p. 61)

"O início da sua terra habitada começa junto ao golfo mediterrânico e de Sevilha a Algeciras, segue em direcção a Almeria; depois em direcção a França e retornando em direcção à terra da Galiza, segue até Sintra e Ocsónoba, junto ao Mar Circundante".

(Ed., p. 109; trad. esp., pp. 61-2)

"De Lepe a Ocsónoba, cidade famosa, magnífica, rica, abundando os seus bens, quatro dias. De Ocsónoba até à cidade de Silves, seis dias. De Silves a Alcácer do Sal, cinco dias; a qual é também uma cidade fortificada".

(Ed., p. 115; trad. esp., p. 68)

### NOTAS

1) Povoação da actual província de Huelva na Andaluzia.

2) V. supra al-Râzi, n. 1.

3) Mais duas povoações da província de Huelva.

**IV – Abû I-<sup>c</sup>Abbâs Ahmad ibn <sup>c</sup>Umar ibn Anas al-<sup>c</sup>Udhri**  
(Almeria, 393/1003 – Almeria ou Valência, 477/1085)

*Vida*

Natural de Dalías, povoação de Almeria, deslocou-se a Meca ainda bastante jovem, com cerca de 14 anos, aí permanecendo entre 407/1016 e 416/1025. O capital de conhecimentos próprios de um tal viajante foi depois ampliado com estudos que levou a cabo no Hijâz e mais tarde no Egípto, já durante a viagem de regresso a al-Andalus. De regresso à Península, pelos finais da década de vinte do século XI, começou então a ensinar, contando-se al-Bakrî (v. *infra*) entre os seus vários discípulos. A sua longa vida, de mais de oito décadas, de geógrafo e de erudito, terminou em Almeria ou em Valência.

*Tars î' al-Akhabâr (O Brocado de Notícias)*

A obra de al-'Udhri, *Tarsi' al-Akhabâr*, situar-se-á entre a concepção de uma geografia de âmbito peninsular, modelo de que al-Râzî terá sido o mentor, e a de uma geografia de tipo universal, que se viria a plasmar na obra de al-Bakrî. Obra conhecida através de fragmentos, em grande parte relativos ao leste ibérico, torna-se hoje reconstituível, ainda que parcialmente, graças à obra de al-Qazwîni (v. *infra*) bem como à obra anónima *Dhikr Bilâd al-Andalus* (v. *infra*), que tiveram em al-'Udhri uma das suas principais fontes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Extracto das referências explícitas de al-Qazwîni, in *Âthâr al-bilâd*, Beirute, Dâr Sâder, 1380/1960 (tex. ár.).
- Trad. espanhola parcial de Fátima Roldán Castro, *El Occidente de al-Andalus en el Atar al-bilad de al-Qazwini*, Sevilha, Ed. Alfar, 1990.
- Husayn Mu'nis, *Târîkh al-Jaghrâfya wa-l-Jaghrâfiyyîn fi-l-Andalus*, Madrid, IEI, 1967, pp. 81-97.
- Para os dados biográficos sobre al-'Udhri: v. Rafael Valencia, "La Cora de Sevilla en el *Tarsi' al-Ajbâr* de Ahmad b. 'Umar al-'Udhri", *AI* IV-V (1983-86), pp. 107-43; Manuel Sanchez Martinez, "Râzî, fuente de al-'Udhri para la España Preislamica", *CHI* 3, (1971), pp. 7-49, pp. 9-14.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

*Silves (Shilb)*

Nesta cidade há amplas planícies e extensas várzeas; ali se eleva uma grande montanha, rica em pastos e abundante em água (1).

(*apud* > *Âthâr al-Bilâd...*: ed., p. 541; trad., p. 119)

NOTAS

*Preliminar*: Esta notícia é também extraída das referências explícitas de al-Qazwîni, pois nos fragmentos editados por al-Ahwânî também não há qualquer notícia sobre Silves.

1) Possivelmente a Serra de Monchique, onde as águas medicinais são de há muito conhecidas.

V – *Abû ʿUbayd ʿAbd Allah ibn ʿAbd al-ʿAzîz al-Bakrî*  
(Huelva, 405/1014 – Sevilha, 487/1094)

*Vida*

Originário da família dos Banû Bakr, Senhores da Taifa de Huelva / Saltes, no século XI, após a conquista dos seus senhorios por al-Muʿtadid de Sevilha, foi, com os seus para Córdova, em 442/1051-2. Foi, mais tarde, discípulo de al-ʿUdhri e de Ibn Hayyân. Daquela proximidade muito terá aproveitado o discípulo, para a sua futura obra. Foi, além de geógrafo, também historiador, poeta, e filólogo. Veio a falecer já nos primórdios do domínio almorávida, em 1094.

*Al-Masâlik wa-l-Mamâlik (As Vias e os Reinos)*

Foi a primeira obra geográfica, com origem andalusi, que se dirigiu para o horizonte da geografia universal, rompendo assim com a herança razi-udhriana, que ele conhecera, mas que se mantinha dentro dos limites da geografia peninsular. Enriqueceu-a com as muitas informações documentais, escritas e orais, que detinha na sua extensa erudição.

(E. Lévi-Provençal, "Abû ʿUbayd al-Bakrî", *E. I.* 2, t. I, pp. 159-61; H. Muʿnis, *Tâʾrîkh al-Jaghrâfya...*, pp. 108-48)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abû ʿUbayd al-Bakrî, *Kitâb al-Masâlik wa-l-Mamâlik*, 2 vols., ed. Adrian van Leeuwen e André Ferré, Cartago-Tunísia, Al-Dâr al-ʿArabiyya li-l-Kitâb, 1992 – [tex. ár.]; 2.º vol., p. 897.
- *Idem, ibidem*, trad. parc. espanhola de Eliseo Vidal Beltrán, *Geografía de España (Kitab al-Masalik wa-l-Mamalik)*, Textos Medievales 53, Saragoça, Anubar, 1982, pp. 37-38.
- Excerto da obra de Ibn al-Shabbat, *Silat al-simt...*, ed. al-ʿAbbâdî, *Tarîkh al-Andalus li-bn al-Kardabus wa wasfuhu li-bn al-Shabbat*, Madrid, 1971 – [tex. ár.]; p. 163.
- E. Lévi-Provençal, "Abû ʿUbayd al-Bakrî", *E. I.* 2, t. I, pp. 159-61.
- H. Muʿnis, *Tâʾrîkh al-Jaghrâfya...*, Madrid, IEEI, 1967, pp. 108-48.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

*Menção das terras de al-Andalus, suas particularidades e famas das suas cidades (Dhikr bilâd al-Andalus wa khawâssihâ wa-l-mashhûri min mudunihâ)*

"Estabeleceu [Constantino] [...] a quinta repartição, e a sua capital é a cidade de Mérida. Relacionadas com ela estão doze cidades, que são: Beja, cidade de Ocsónoba, cidade de Mértola, cidade de Évora, Sintra, Santarém, Lisboa, e Coimbra [...]" (1).

(Ed., p. 892; trad., pp. 17-8)

Menção das especificidades de al-Andalus no que toca a plantas, metais e rochas (Dhikr mâ Khassat bihi-l-Andalus min al-ashjâr wa-l-maʿâdin wa-l-ahjâr).

Em Ocsónoba há uma montanha conhecida como "Montanha do Paraíso"; emana dela, em profusão, o aroma do aloés aromático quando a este se lhe chega o fogo (2).

(Ed., p. 896; trad., p. 36)

[...] Em Ocsónoba há uma mina de estanho nunca visto, e que parece prata.

(Ed., p. 898; trad., p. 39)

#### NOTAS

- 1) A tradicionalmente chamada "divisão de Constantino" – na realidade levada a cabo por Diocleciano (cf. Ferdinand Lot, *O fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1985, p. 31) – e onde são referidas as dioceses hispânicas e respectivas metrópoles. Aqui apresentamos apenas as relativas ao espaço português.
- 2) Possível nova referência à Serra de Monchique, embora em diferente versão.

### **VI – Muhammad ibn Ayyûb Ibn Ghâlib** (Valência, 534/1140? – Málaga, 572/1177)

#### *Vida*

Valenciano, viveu no século VI/XII. Letrado, além de geógrafo, historiador e poeta foi ainda ministro e alto funcionário da dinastia almóada, em Granada, entre os anos de 552/1160 e 571/1175-6, pouco tempo antes de falecer.

(Nota: sobre a sua vida e obra contamos brevemente dar notícia bastante mais extensa e fundamentada).

#### *Farhat al-anfus (A Alegria das Almas)*

Obra desenvolvida sobre a história de al-Andalus, era precedida de capítulos sobre a Geografia da Hispânia e sobre a História Universal. Conhecem-se apenas os fragmentos de um compêndio que apenas trata a parte geográfica. As principais fontes desta obra foram al-Râzî e al-Bakrî.

Atendendo a que esta obra constituiu a matriz do texto traduzido para português entre os finais do século XIII e inícios do XIV, o qual se vulgarizou sob o nome de "Crónica do Mouro Rasis" por se entender que tinha origem em al-Râzî, a respectiva notícia relativa a Ocsónoba, "Eixuban" como surge na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, surgirá neste apartado.

Alguns pedaços da obra terão sido reproduzidos por Ibn Sa'îd, Ibn al-Khatîb e por al-Maqqarî.

Os vários pedaços da obra entretanto encontrados, foram publicados em 1955, por Lutfi 'Abd al-Badi' (v. infra "*referências bibliográficas*").

(H. Mu'nis, *E. I.* 2, III, p. 795; *Idem, Târikh al-Jaghrâfiya...*, Madrid, IEI, 1967, pp. 452-60.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Ghâlib, *Farhat al-anfus*, ed. Lutfi 'Abd al-Badi', "Nass andalusî jadîd: qit'a min «Kitâb Far-hat al-anfus» li-bn Galib", *RIMA* I / 2, 1955, pp. 272-310 [tex. ár.].
- Trad. espanhola de Joaquín Vallvé Bermejo, "Una Descripción de España de Ibn Galib", *Sept.º Anuario de Filología*, Barcelona, Facultad de Filología, 1975, pp. 369-384.
- Hussayn Mu'nis, *E. I.* 2, III, p. 795.
- *Idem*, *Târikh al-Jaghrâfiya...*, Madrid, IEEI, 1967, p. 452-60.
- C1344 = *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. Lindley Cintra, IV vols., Lisboa, 1951 (ed. portuguesa).
- António Rei, *Memória de Espaços e Espaços de Memória. De al-Râzî a D. Pedro de Barcelos*, Dissertação de Mestrado, FCSH / Univ. Nova de Lisboa (2002).
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

Cidade de Ocsónoba (madîna Ukshûnuba)

Confina com os termos de Lisboa (1) e tem uma extensa planície. Tem muito desafogo, variedade nos frutos, excelente agricultura e profusa prosperidade. A sua montanha reúne pastagens a perder de vista, e muitos regatos (2).

E a captura é abundante tanto em terra como no mar. É dos mais excelentes lugares de recreio.

E da sua costa recolhe-se âmbar. E entre as suas cidades está a cidade de Silves, a qual é a capital do ocidente. E não têm os muçulmanos, outra cidade como ela, no ocidente, para além de Sevilha (3).

A sua edificação é sobre um rio onde se fazem sentir as marés. Entre ela e Santarém são quatro dias; e a distância entre ela e Córdova, para o cavaleiro que não se detém, é de nove dias. Ocsónoba tem numerosos distritos e castelos (4).

(Ed., p. 291; trad., p. 380)

## NOTAS

- 1) O alfoz de Beja não atingia o litoral, daí a delimitação entre Lisboa e Ocsónoba junto ao mar. (cf. A. Rei, *Memória de Espaços...*, p. 178).
- 2) Mais uma versão relacionável com a Serra de Monchique. Paralelismo com o que nos vem em al-'Udhri (v. *supra*).
- 3) A situação "capital" de Silves no sudoeste ibérico, emergente a partir do século XI, com a Taifa dos Banû Muzayn, e sua posterior integração na grande Taifa de Sevilha (cf. Felipe Maillo Salgado, *Crónica Anónima de los Reyes de Taifas*, Madrid, Ed. Akal, 1991 e José D. Garcia Domingues, *Novos aspectos da Silves Árábica. Documentos e Comentários*, sept.º. *Rev. Gil Vicente*, Guimarães, 1956).
- 4) Silves aparece como cabeça da *kûra* de Ocsónoba. Detectam-se evidentes paralelismos com a passagem presente em al-Râzî (v. *supra*) e com Ibn Sa'îd (v. *infra*). No entanto a forma estilística desta passagem de Ibn Ghâlib recorda-nos mais o discurso presente em al-'Udhri ou ainda mais em al-Bakrî, que infelizmente são muito fragmentários relativamente à cidade de Silves.

*Do termo de Eixuban [Ocsónoba]*

Parte o termo de Lixboa com o termo de Exubam. E Exubã jaz ao oriente de Lixboa e ao ocidente de Córdova e jaz em mui boa terra e mui chã e de muitas boas árvores e de mui boa sementeira.

E em seu termo há mui boas montanhas onde se poderíam criar muitos gados. E é terra de muitas águas corredias e é mui boa terra de caça, assim de monte como de ribeira.

E há por vizinho o mar como se estende. E há mui boas ínsulas e mui de sabor em que podem portar as barcas.

E há mui boas hortas regadias e de mui boas fontes e mui claras. E em su termo há muitos pinheiros. E este é um dos melhores lugares tamanhos como o que há no mundo.

E na ribeira de Eixubam há mui bom alâmbar. E sob o seu senhorio há vilas e castelos, dos quais um é Silves, que é a melhor vila do Algarve. E Silves jaz sobre o braço que sai do mar.

(*apud* > C1344, ed., pp. 67-68)

NOTA

*Preliminar:* A grafia da notícia foi ligeiramente modernizada. É evidente o grande paralelismo entre esta notícia e a anterior, apontando tal facto para a origem comum de ambas.

**VII – Abû ‘Abd Allah Yâqût ibn ‘Abd Allah al-Hamawî**  
(Ásia Menor, 575/1179? – Alepo, 626/1129)

*Vida*

Nascido na Ásia Menor, cerca de 575/1179, foi capturado em jovem e levado a Bagdad, onde foi vendido. O seu amo, um rico mercador, reconhecendo os seus dotes de inteligência, permitiu-lhe que se dedicasse aos estudos. Em 596/1199-1200 obtém a sua liberdade. Nas inúmeras viagens que realizou a partir de então, e nas leituras que fez, recolheu informações que lhe serviram para, na segunda metade da década de 1220, compor o seu famoso Dicionário Geográfico, o *Mu‘jam al-buldân*. Veio a falecer em Alepo, em 626/1129.

*Mu‘jam al-buldân (O Dicionário dos Países)*

Tendo escrito esta obra na fase final da sua vida, entre 1225 e 1229, é, sem dúvida, uma fonte importante pois abarca todo o mundo, islâmico ou não, no início do século VII da Hégira / XIII da Era cristã.

Tem ainda a particularidade, de extrema importância, de procurar clarificar e fixar as grafias dos topónimos tratados ao longo do Dicionário, para tentar acabar com confusões.

Para al-Andalus, recupera topónimos provenientes de obras desaparecidas, na totalidade ou em parte, como as de al-Râzî e de al-Bakrî, entre outros. A sua fonte textual andalusî foi Ibn Ghâlib.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Yâqût, *Mu'jam al-buldân*, ed. Beirute, 2.ª ed., 7 vols., Dâr Sâdir, 1995.
- Trad. parc. castelhana Gamal 'Abd al-Karim (GAK), "La España Musulmana en la Obra de Yaquut (S. XII-XIII)", *Cuadernos de Historia del Islam (CHI)*, 6 (1974), Univ. de Granada.
- José António Rodríguez Lozano (RL), "Nuevos Toponimos Relativos a al-Andalus en el Mu'jam al-Buldân de Yâqût", *CHI*, 8 (1977), pp. 57-84.
- Trad. parc. francesa E. Vandendriessche e M. Plancke, "Al-Andalus dans le «Mu'jam al-Buldân»", *STVDIA* 39 (1974), Lisboa, CEHU, pp. 237-304.
- R. Blachère, "Yakut", *Encyclopédie de l'Islam*, 1.ª ed., V vols., Leyden-Paris, 1908-1938, vol. IV, p. 1153.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

#### Akhshânba (Ocsónoba – I)

Com *a*; depois ausência de vogal; *a* no *shîn* com pontos; *nûn* sem vogal e *bâ* com um só ponto. É uma região em al-Andalus. Imensamente conhecida pela abundância dos seus bens naturais. Entre ela e Silves são seis dias; e entre ela e Lepe (1), três dias.

(Ed.: vol. I, p. 123; trad. GAK, p. 63; *STVDIA*, p. 245)

#### NOTA

- 1) Lepe, povoação da província andaluza de Huelva.

#### Al-Andalus

Al-Andalus [...] estende-se do limite da Galiza até à *kura* de Santarém, [daí] até Lisboa [e] até *Jabal al-Ghûr* e demais cidades que vão até Gibraltar (1) [...].

O segundo lado (2) [...] [segue, depois da foz do Guadalquivir] para a ilha de Saltes, o rio Guadiana, Tavira, Santa Maria (3), Silves e daqui gira em direcção a Lisboa e Santarém, regressando depois ao Cabo de S. Vicente (4), em frente a Silves, podendo o mar ser cortado entre Silves e o Cabo de S. Vicente, por uma distância de cinquenta milhas. Lisboa, Sintra e Santarém estão à direita de um alfoz. O Cabo de S. Vicente é um monte que se eleva entrando pelo mar cerca de quarenta milhas, onde se ergue a famosa Igreja dos Corvos. Em seguida, abandonando o Cabo de S. Vicente, junto ao Mar

Circundante (5), passa-se pelo alfoz de Arrifana, pelo alfoz de Mira (6) e cruzam-se aquelas regiões inflectindo para norte.

(Ed.: I, pp. 272-274; trad. GAK pp. 91-97; STVDIA, pp. 264-270)

#### NOTAS

*Preliminar:* Esta notícia consta de excertos relativos ao espaço do ocidente peninsular, constantes na entrada em que Yâqût descreve a forma, e os limites extremos da Península Ibérica.

- 1) Nesta relação de limites este *Jabal al-Ghûr* (Montanha das Profundezas; das Cavernas), talvez se relacione com as costas alcantiladas da zona de S. Vicente e Sagres.
- 2) Esta parte é extraída da descrição do segundo lado do "Triângulo", forma atribuída à Península Ibérica, que os autores árabes recorrentemente citam, as *Crónicas do Mouro Rasis* e *Geral de Espanha de 1344* retomam, e que remonta pelo menos a Paulo Orósio de Braga (v. *supra* al-Râzi, n. 1).
- 3) No texto: *Shantara* (que a ser certo seria "Sintra"), por *Shantamariyya*, nome por que era conhecida Faro. Trata-se de um evidente lapso de copista, devido à semelhança gráfica, em árabe, entre os dois topónimos.
- 4) No texto *Taraf al-'Urf*. Ou esta designação está correcta donde "o extremo do promontório", ou então seria uma confusão entre *'urf* e *gharb*, que em árabe têm formas gráficas muito idênticas. Neste último caso teríamos "o extremo do ocidente".
- 5) *Supra* al-Râzi, n. 1.
- 6) No texto *Hawz al-Madra*. A grande semelhança na grafia árabe entre *Madra* e *Mira*, e o facto daquela se situar a norte do Alfoz de Arrifana, o qual englobaria sensivelmente os actuais concelhos de Lagos, Vila do Bispo e Aljezur, leva-nos a fazer aquela leitura. Seria o alfoz da região de Odemira, ou *Hawz al-Mira*.

Ainda sobre esta questão, v. António Rei, "Azóias / Arrábidas no Gharb Al-Andalus e o Movimento dos Muiridîn – subsídios para a sua identificação espacial", *Xarajib* 2 (2002), Silves, CELAS, pp. 53-61, p. 58; e *Idem*, "O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VIII/XII: Yâqût al-Hamawî e Ibn Sa'îd al-Maghribî", *Penélope*, no prelo, *sub voces*: "al-Andalus" e "al-Wadhra".

#### Akshûniya (Ocsónoba – II)

Com *a* no *hamza*; *kâf* sem vogal; e *u* no *shîn* com pontos; *wâw* sem vogal; *i* no *nûn*; e *yâ* ligeira. Cidade no al-Andalus cujas dependências ligam com as de Lisboa. Está a ocidente de Córdova. É uma cidade com inúmeros bens terrestres e marítimos. No seu litoral encontra-se um âmbar superior, que nada deve ao da Índia (1).

(Ed.: I, p. 240; trad. GAK, p. 82; STVDIA, p. 258)

#### NOTA

- 1) Sobre a questão do âmbar nas costas do Algarve, ver Adel Sidarus e António Rei, "Lisboa e o seu termo segundo os Geógrafos Árabes", *Arqueologia Medieval* 7 (2001), Mértola / Porto, CAM / / Afrontamento, pp. 37-72, especialmente o Apêndice I: "Sintra ou Santarém (âmbar e maçãs)", pp. 69-70. Sobre tradições textuais envolvendo esta passagem nesta notícia sobre Ocsónoba, v. António Rei, *Memória de Espaços...*, pp. 124-125.

Bashîla (?)

Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus.  
(Ed.: I, p. 429; trad. GAK, p. 120)

Al-Jawf (?)

Território baixo ou avançado no mar, no ocidente de al-Andalus, sobre o Mar Circundante. E é também, um dos distritos de Ocsónoba, de al-Andalus.  
(Ed.: II, p. 188; trad. RL, pp. 66-67)

Dimyâna (?)

Com *i* na sua primeira letra; com ausência de vogal na segunda; e *yâ* com dois pontos em baixo; e depois *alif* e *nûn*. Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus.  
(Ed.: II, p. 475; trad. GAK, p. 163)

Al-Zâwiya (Lagos)

Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus.  
(Ed.: III, p. 128; trad. GAK, p. 172)

Shilb (Silves)

É uma cidade no ocidente de al-Andalus. Entre ela e Beja, são três dias. Está a oeste de Córdova. É a capital do distrito administrativo de Ocsónoba. E entre ela e Córdova são dez dias para o cavaleiro veloz. Fui informado de que não há em al-Andalus, para lá de Sevilha, outra [cidade] como ela. Entre ela e Santarém, são cinco dias. Ouvi dizer a muitos: "Poucos serão aqueles entre a sua gente que não digam poesia e não se interessem pela cultura. E se passares por um agricultor detrás da sua junta de bois, e lhe sugerires um mote, glosá-lo-á na hora [e de forma correctíssima]" (1).

(Ed.: III, pp. 357-358; trad. GAK, pp. 200-201)

## NOTA

- 1) Esta passagem relativa à grande capacidade de improvisação poética dos habitantes de Silves e sua região, encontra-se também noutros autores árabes, como al-Idrísî (*Nuzhat al-Mushtâq* [ou *Kitâb Rujjâr*], ed. E. Cerulli *et al.*, *Opus Geographicum*, IX fasc., Napoles-Roma, IUON-IMEO, E. J. Brill, [Leyden], 1975, f. V, p. 543; trad. parc. portug. J. P. Machado, "A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árabe do Séc. XII" *Boletim Soc. Geografia de Lisboa*, n.º 1-3, 1964, pp. 17-53, p. 27), al-Himyarî, (*al-Rawd al Mi'târ*, ed. Ihsân 'Abbâs, 2.ª ed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980, p. 342; trad. parc. francesa E. Lévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au*

Moyen Âge d'après le "Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr" d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyarî, Leiden, E. J. Brill, 1938, p. 129), e al-Qazwîni (*Âthâr al-bilâd*, ed. Beirute, Dâr Sâder, 1380/1960, p. 541; trad. parc. cast. Fátima Roldán, *El Occidente de al-Andalus en el "Âthâr al-bilâd" de al-Qazwîni*, Sevilha, Alfar, 1990, pp. 119-121).

Al-Sakhra (?)

Com a pronúncia de um pedaço de rochedo pétreo. É um dos distritos de Ocsónoba em al-Andalus.

(Ed.: III, p. 395; trad. RL, p. 74)

Sakhra Haywa (?)

Região no Ocidente de al-Andalus.

(Ed.: III, p. 395; trad. GAK, p. 214)

Tabîra (Tavira)

Com *a*; depois com *i*; depois com *yâ* com dois pontos em baixo; e *râ*. Pequeno povoado em al-Andalus.

(Ed.: IV, p. 21; trad. GAK, p. 217)

Tartânash (?)

Com *a*; depois sem vogal; repete o *tâ*; depois de *alif*, vem *nûn*; e no fim *shîn* pontuada. Zona agrícola (*nâhya*) de al-Andalus, pertencente aos distritos de Ocsónoba.

(Ed.: IV, p. 29; trad. GAK, p. 217)

Targhalla (?)

Com *a* no princípio; sem vogal na segunda; *a* no *ghain* com ponto; e *a* no *lâm* intensificado. Cidade em al-Andalus, dos distritos de Ocsónoba.

(Ed.: IV, p. 31; trad. GAK, p. 220)

Al-Fahs (Alferce)

É um dos distritos de Ocsónoba.

(Ed.: IV, p. 227; trad. GAK, pp. 229-30)

NOTA

*Preliminar:* Este topónimo foi muito recentemente correlacionado com a povoação de Alferce, no actual concelho de Monchique (cf. Abdallah Khawî, "Quelques réflexions sur l'histoire de l'Algarve pendant les premiers siècles de l'islamisation (VIII-XIème siècle)", *Xarajib* 2 (2002), CELAS, Silves, pp. 21- 40).

Qâshruh (Castro Marim)

Depois do *shîn*, vem *râ* com *u*; e *hâ* sem vogal. Encontram-se o *alif* e o *shîn*, ambas sem vogal. Dos distritos de Niebla. Encontrei noutro manuscrito, escrito em caligrafia de al-Andalus: *Qâtîduh*. Sendo isto certo (1).

(Ed.: IV, p. 297; trad. RL, p. 77)

## NOTA

1) Referência do punho do próprio autor ao facto de existirem, em árabe, palavras ortograficamente muito semelhantes, que acabam dando origem a diferentes leituras.

Qastalla (Cacela)

Com *a* na primeira letra; sem vogal na segunda; com *a* no *tâ*; intensificação do *lâm*; e *hâ*. Cidade em al-Andalus.

(Ed.: IV, p. 347; trad. GAK, p. 251)

Massâna (Messines)

Com *a*; depois uma intensificação; e depois do *alif* vem *nûn*. Uma das zonas rurais de Ocsónoba, em al-Andalus.

(Ed.: V, p. 125; trad. GAK, p. 286)

Malmâr (?)

Com *a*, e dois *mîm/s*; no final, *râ*. Pertence ao distrito de Ocsónoba, no al-Andalus.

(Ed.: V, p. 195; trad. GAK, p. 289)

## NOTA

*Preliminar*: Para este topónimo foi aventada muito recentemente a hipótese de poder tratar-se da povoação de Marmeleite, no ocidente algarvio (cf. Abdallah Khawî, *ibidem*).

**VIII – Abû Yahyâ Zakariyyâ' ibn Muhammad Al-Qazwîni**  
(Qazwîn, 600/1203 – Hilla, 682/1283)

*Vida*

Nasceu em Qazwîn, na Pérsia setentrional. Da sua infância e juventude sabe-se apenas que deixou, contra-vontade, a sua região, para se dirigir à Síria no prosseguimento dos seus estudos. Em Damasco terá completado a sua formação, escutando os mais famosos mestres daquela época. Foi, mais tarde *qâdî* (juiz) em Wasît e em Hilla. Foi nesta cidade que veio a falecer e onde terá passado os últimos anos da sua vida. A sua

actividade de autor e compilador foi, segundo os seus biógrafos, fruto dos últimos anos da sua vida, quando já teria deixado as suas funções oficiais.

*Âthâr al-bilâd (Os Traços das Regiões)*

Trata-se de um dicionário geográfico-histórico. A data da sua composição não é conhecida, mas tudo leva a crer que terá sido mais um, o mais famoso, produto literário e intelectual dos últimos anos de vida deste autor.

(Fátima Roldán Castro, *El Occidente de al-Andalus en el Âthâr al-bilâd de al-Qazwini*, pp. 15-9 e 37-9)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Al-Qazwîni, *Âthâr al-bilâd*, ed. Beirute, Dar Sader, 1380/1960, pp. 496-497.
- Trad. parc. espanhola de Fátima Roldán Castro, *El Occidente de al-Andalus en el Atar al-bild de al-Qazwini*, Sevilha, Alfar, 1990.
- T. Lewicki, "Al-Kazwîni", E. I. 2, t. IV, pp. 898-900.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

Silves (Shilb)

Silves é uma cidade do país do al-Andalus, e está situada perto de Beja.

Diz al-'Udhri: "Nesta cidade há amplas planícies e extensas várzeas; ali se eleva uma grande montanha, rica em pastos e abundante em água."

Entre as suas maravilhas está o (seguinte) facto, que sobre ela conta muita gente: é raro que entre os habitantes de Silves se encontre alguém que não saiba fazer poesia, ou que não saiba de literatura. Se passares junto a um lavrador ocupado com a junta, e lhe pedires um poema, declamará um nesse mesmo instante. Qualquer mote que lhe sugerires, glosá-lo-á com toda a perfeição.

(Ed., p. 541; trad., p. 119-21)

**IX – Abû-l-Hasan 'Alî ibn Mûsâ Ibn Sa'îd**  
(Granada, 610/1213 – Tunes, 685/1286)

*Vida*

Nasceu perto de Granada em 610/1213, em Qal'at Banû Sa'îd ou Qal'at Yahsûb, actual Alcalá la Real. Em 638/1240 partiu para Meca, vindo o seu pai a falecer durante a viagem, dois anos depois, em Alexandria. Ibn Sa'îd permaneceu no Egipto até 648/1249, onde a sua fama de literato se começou expandir no Oriente. Tendo posteriormente retomado a sua viagem a Meca, veio depois de visitar o Irão, Iraque e Síria, até vir a

falecer em Tunes, no ano de 685/1286. Foi autor, entre outras, das duas obras *al-Mughrib fî hulâ-l-Maghrib* e *Kitâb Bast al-Ard fî-Tûl wa-l-'Ard*, das quais aqui apresentamos o relativo ao actual Algarve.

*I – Al-Mughrib fî hulâ al-Maghrib (O Excelente Orador acerca do Ocidente)*

Trata-se de uma antologia poética, cuja compilação, iniciada por al-Hijârî (1), se prolongou por mais de um século, e de que Ibn Sa'îd foi o compilador final. O autor apresenta quase sempre notícias geográficas introduzindo as povoações que foram berço de um ou vários dos letrados referidos; são essas notícias que apresentaremos aqui. Embora Ibn Sa'îd refira, algumas vezes, explicitamente al-Râzî como sua fonte, as informações em causa tê-las-á recebido directamente de al-Hijârî, o qual, esse sim, terá tido como fonte al-Râzî (2).

NOTAS

- 1) Abû 'Abd Allah Muhammad ibn Ibrâhîm al-Hijârî, de Guadalajara (Cf. Francisco Pons Boigues, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arabigo-españoles*, 2.ª ed., Amesterdão, Philo Press, 1972 [1.ª ed., Madrid, 1898], "El Hicharî [Abdallah b. Ibrahim]", n.º 178, pp. 221-223; Rachel Arié, "Un lettré andalou en Ifriqya et en Orient au XIII<sup>e</sup> siècle: Ibn Saïd", *Historia y Cultura del Islam Español*, Granada, EEA-CSIC, 1988, p. 10).
- 2) António Rei, *Memória de Espaços...*, p. 64.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Sa'îd al-Maghribi, *Al-Mughrib fî hulâ-l-Maghrib*, ed. Shawqî DAYF, 2 vols., Cairo, Dâr-al-Ma'aref, 1964 (tex. ár.).
- Trad. parc. espanhola e estudo M.ª Jesús VIGUERA MOLÍNS, "El «Reino» de Badajoz en el «Mugrib» de Ibn Sa'îd", *Bataliús II – Nuevos Estudios sobre el Reino Taifa*, Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 225-248.
- Ch. PELLAT, "Ibn Sa'îd al-Maghribî", *Encyclopédie de l'Islam*, 2.ª ed., t. III, pp. 950-1.
- Hussayn MU'NIS, *La Geografía y los Geógrafos en la España Musulmana*, Madrid, IEI, 1967, pp. 461-95 (tex. ár.).
- Francisco PONS BOIGUES, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arabigo-españoles*, 2.ª ed., Amesterdão, Philo Press, 1972 (1.ª ed., Madrid, 1898), "Aben Saïd el Magrebi", n.º 260, pp. 306-310.
- Emilio GARCIA GÓMEZ, *El libro de las banderas de los campeones de Ibn Sa'îd al-Maghribî*, 2.ª ed., Barcelona, Seix Barral, 1978 (1.ª ed., 1937), pp. LII-LV.
- Muhsin Hâmid al-'AYADÎ, *Ibn Sa'îd al-Andalusî*, Cairo, Livraria Renascença Egípcia, 1972, pp. 45-73 (tex. ár.).
- Rachel ARIÉ, "Un lettré andalou en Ifriqya et en Orient au XIII<sup>e</sup> siècle: Ibn Saïd", *Historia y Cultura del Islam Español*, Granada, EEA-CSIC, 1988.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

I – Al-Mughrib fi hulâ-l-Maghrîb

## (REINO DE SILVES)

Reino que limita com o reino de Sevilha, situando-se a noroeste deste último. Recolhe-se nas suas costas âmbar, proveniente do Mar Circundante.

E reparte-se o texto da seguinte forma: [...] Cidade de Silves, [...] povoado de *Shannabûs*, [...] povoado de *Ramâdah*, [...] Cidade de Santa Maria (Faro), [...] Cidade de Loulé, [...] Cidade de Cacela.

(Ed., p. 380)

Madînat Shilb (Cidade de Silves)

Do Livro de al-Râzî: "A sua construção ergue-se sobre um rio onde se fazem sentir as marés do Mar Circundante. E entre Silves e Córdoba, para um cavaleiro, são nove dias" (1).

É uma cidade louvável e famosa por causa dos intelectuais. Nela cresceu al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd, e nela se situa o Palácio das Varandas, em relação ao qual diz [este príncipe a] Ibn 'Ammâr:

*"Saúda o Palácio das Varandas da parte de um jovem  
Que tem um perene anseio por esse Palácio".*

Antes de que al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd lá se criasse, o seu pai, al-Mu'tadid, apoderou-se desse reino. E recém-chegado al-Mu'tamid a Sevilha, nomeou governador de Silves o seu filho al-Mu'tadd (2).

E os seus governadores agora vêm de Sevilha (3).

(Ed., p. 381)

## NOTAS

*Preliminar:* Silves é tratada como cabeça de "reino" ou "senhorio".

- 1) Usa o literal e pouco comum "dias", para referir "dias de viagem", em vez de "jornadas".
- 2) Esta notícia sobre al-Mu'tamid e a relação deste príncipe com a cidade de Silves, sob os pontos de vista cultural e historico-administrativo tê-la-á Ibn Sa'îd recolhido de al-Hijârî.
- 3) Sendo Sevilha a capital almôada no al-Andalus, período que al-Hijârî já não viveu, esta notícia será do punho de algum dos membros dos Banû Sa'îd.

Qaryat Shannabûs (Povoado de Estômbar ou de São Brás de Alportel [?])

Dos melhores e mais pequenos povoados dele [do Reino de Silves].

(Ed., p. 389)

## NOTA

*Preliminar:* Questão linguística envolvendo este topónimo: será mesmo *Shannabûs*, topónimo tradicionalmente identificado com Estombar; ou se deverá ser entendido como uma corruptela de *Shanbaras*

devido à grande proximidade gráfica entre ambos (e que seria S. Brás de Alportel), v. David Lopes, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas (NATP)*, ed. J. P. Machado, Lisboa, Soc. de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1968, pp. 131-2.

*Qaryat Ramâda (Povoado de?)*

Menciona al-Hijârî: "É um dos povoados de Silves".  
(Ed., p. 392)

NOTA

*Preliminar:* Ainda não identificado o topónimo, é, no entanto, referido como dando origem à *nisba* (referência antroponímica ao lugar de origem ou de residência) de um poeta, chamado Abû 'Umar Yûsuf ibn Hârûn al-Ramadî al-Kindî (*Idem*, pp. 392-394).

*Madînat Shantamariyya (Cidade de Santa Maria [Faro])*

Cidade famosa, conhecida como Santa Maria do Ocidente, pois há uma Santa Maria do Oriente (1). Actualmente é dos muçulmanos.  
(Ed., p. 395)

NOTA

1) Esta "Santa Maria do Oriente" é a actual Albarracín, no Levante espanhol. Sobre este último topónimo v. David Lopes, *NATP*, p. 132.

*Madînat al-'Ulyâ (Cidade de Loulé)*

[Do Reino de Silves] uma das cidades do noroeste.  
(Ed., p. 398)

NOTA

*Preliminar:* Localidade berço de um místico (*sûfi*), Abû-l-Ja'far Ahmad al-'Urianî (séc. XII), o qual foi o primeiro mestre de Ibn al-'Arabî de Múrcia (Ibn 'Arabî, *Les soufis d'al-Andalousie*, Introdução e tradução de R. W. J. Austin [trad. francesa de G. Leconte], Paris, Sindbad, 1979, pp. 61-68), sendo este último considerado o maior místico do Islão.

*Madînat Qastalla (Cidade de Cacela)*

Conhecida como Cacela do Ocidente.  
(Ed., p. 400)

NOTA

*Preliminar:* Aqui nasceu o célebre poeta e secretário de al-Mansûr, Ibn Darrâj al-Qastallî (séc. X-XI) sobre este letrado muçulmano v. Mahmûd 'A. Makkî, "La España cristiana en el diwan de Ibn Darrâj", *Boletín de la Real Academia de Buenas Letras* XXX (1963-4), pp. 63-104.

II – Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-'ard (Livro sobre a extensão da Terra em longitude e em latitude)

Trata-se de uma obra geográfica organizada em função dos Sete "Climas", e de coordenadas geográficas atribuídas a numerosas localidades. Terá Ibn Sa'îd tentado com esta obra completar a obra de al-Idrîsî, acrescentando-lhe para isso informações de precisão geográfica que faltavam àquela (J. Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribi*, pp. 307-311).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Sa'îd al-Magribi, *Kitab bast al-ard fî-tul wa-l-'ard = Kitab al-Gugrafiyya*, ed. Juan Vernet (Ed. V), Tetuão, Instituto Mulay al-Hassan, 1958.
- Ed. Isma'îl al-'Arabi (ed. A), Beirute, Mansurat al-Maktaba al-Tigariyya li-l-Tiba'a wa-l-Nasr wa-l-Tawzi', 1970.
- Trad. e ed. parc. de Juan Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribi*, Sept.ª de Tamuda, Ano VI, Sem. II, Tetuão, Editorial Genades, 1958, pp. 307-326.
- H. Mu'nis, *Târikh al-Jaghrâfiya...*, pp. 495-517.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

II – Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-'ard

Clima V – Secção primeira

[...] Em seguida [desde a ilha de Saltes] em direcção à foz do grande rio Guadiana, o qual cruza Mérida e Badajoz, são nove milhas. Seguindo para Tavira, vinte e três milhas, situando-se esta a noroeste do rio Guadiana. Depois, indo para a foz do rio de Santa Maria (1), dezoito milhas. Depois, para a foz do rio de Silves (2), vinte e oito milhas. Depois, para o golfo de Arrifana (3), quinze milhas. Depois para o Cabo dos Corvos oitenta milhas, e entra no mar este cabo vinte e duas milhas. Ele é a latitude extrema do Clima Quinto, cuja longitude é 6°.

NOTAS

- 1) O "rio de Santa Maria" seria o braço-de-mar mais próximo às muralhas da cidade, parte da actual Ria Formosa.
- 2) Ou seja, o rio Arade.
- 3) Este "golfo de Arrifana", refere-se claramente à baixa de Lagos, e não à região de idêntico nome no actual concelho de Aljezur. Sobre o alfoz de Lagos, também designado "da Arrifana", e respectivas problemáticas de identificação, v. A. Rei, "Azóias / Arrábidas no Gharb al-Andalus e o Movimento dos Muridîn", *Xarajib* 2 (2002), pp. 53-61.

[...]

Clima VI – Secção primeira

[...] O primeiro que encontras dele [o Clima] sobre o Mar Envolvente é a Igreja dos

I – Al-Mughrib fi hulâ-l-Maghrib

(REINO DE SILVES)

Reino que limita com o reino de Sevilha, situando-se a noroeste deste último. Recolhe-se nas suas costas âmbar, proveniente do Mar Circundante.

E reparte-se o texto da seguinte forma: [...] Cidade de Silves, [...] povoado de *Shannabûs*, [...] povoado de *Ramâdah*, [...] Cidade de Santa Maria (Faro), [...] Cidade de Loulé, [...] Cidade de Cacela.

(Ed., p. 380)

Madînat Shilb (Cidade de Silves)

Do Livro de al-Râzî: "A sua construção ergue-se sobre um rio onde se fazem sentir as marés do Mar Circundante. E entre Silves e Córdoba, para um cavaleiro, são nove dias" (1).

É uma cidade louvável e famosa por causa dos intelectuais. Nela cresceu al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd, e nela se situa o Palácio das Varandas, em relação ao qual diz [este príncipe a] Ibn 'Ammâr:

"Saída o Palácio das Varandas da parte de um jovem

Que tem um perene anseio por esse Palácio".

Antes de que al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd lá se criasse, o seu pai, al-Mu'tadid, apoderou-se desse reino. E recém-chegado al-Mu'tamid a Sevilha, nomeou governador de Silves o seu filho al-Mu'tadd (2).

E os seus governadores agora vêm de Sevilha (3).

(Ed., p. 381)

## NOTAS

*Preliminar:* Silves é tratada como cabeça de "reino" ou "senhorio".

- 1) Usa o literal e pouco comum "dias", para referir "dias de viagem", em vez de "jornadas".
- 2) Esta notícia sobre al-Mu'tamid e a relação deste príncipe com a cidade de Silves, sob os pontos de vista cultural e histórico-administrativo tê-la-á Ibn Sa'îd recolhido de al-Hijârî.
- 3) Sendo Sevilha a capital almôada no al-Andalus, período que al-Hijârî já não viveu, esta notícia será do punho de algum dos membros dos Banû Sa'îd.

Qaryat Shannabûs (Povoado de Estômbar ou de São Brás de Alportel [?])

Dos melhores e mais pequenos povoados dele [do Reino de Silves].

(Ed., p. 389)

## NOTA

*Preliminar:* Questão linguística envolvendo este topónimo: será mesmo *Shannabûs*, topónimo tradicionalmente identificado com Estômbar; ou se deverá ser entendido como uma corruptela de *Shanbaras*

II – Kitâb bast al-ard fi-l-tûl  
longitude e em latitude)

Trata-se de uma obra geográfica onde está o rio Sado, no Golfo do Cabo dos Corvos, o qual foi de sete milhas. A longitude ali, tomada esta obra completar a obra de 79; trad., pp. 314 e 317-318) coordenadas geográficas atribuídas a esta obra completar a obra de 79; trad., pp. 314 e 317-318) precisão geográfica que faltavam a *al-Magribi*, pp. 307-311).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Sa'îd al-Magribi, *Kitâb bast al-ard fi-l-tûl* (ed. A. Rei, pp. 307-311), Tetuão, Instituto Mulay al-Hajjaj, 1979.
- Ed. Isma'îl al-'Arabi (ed. A), *Beastelo de Abû Dânis*, sendo Abû Dânis o século IX (cf. Ch. Picard, *Le Portugal* -Tawzi", 1970.
- Trad. e ed. parc. de Juan Ver Larose, 2000, pp. 194-196).
- *Tamuda*, Ano VI, Sem. II, Tetuão
- H. Mu'nis, *Târikh al-Jaghrâfiya*.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Magribi* (ed. A. Rei, pp. 307-311), Tetuão, Instituto Mulay al-Hajjaj, 1979.
- *I-Fidâ Ismâ'îl ibn 'Alî al-Ayyûbî* (ed. A. Rei, pp. 672/1273 – Hamâ, 734/1334)

II – Kitâb bast al-ard fi-l-tûl

Clima V – Secção primeira

[...] Em seguida [desde a ilha de Santa Maria (1), dezoito milhas. Depois, para o golfo de Arrifana (1) oitenta milhas, e entra no mar este Clima Quinto, cuja longitude é 6°.

## NOTAS

- 1) O "rio de Santa Maria" seria o rio de Arrifana Formosa.
- 2) Ou seja, o rio Arade.
- 3) Este "golfo de Arrifana", refere-se ao actual concelho de Aljezur. Sãopectivas problemáticas de identificação do "golfo de Arrifana" no movimento dos Muridîn", *Xarajib*

[...]

Clima VI – Secção primeira

[...] O primeiro que encontra-se no *Árabe* (sécs. IX-XVII), no prelo.

II – Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-'ard (Livro sobre a extensão da Terra em longitude e em latitude)

Trata-se de uma obra geográfica organizada em função dos Sete "Climas", e de coordenadas geográficas atribuídas a numerosas localidades. Terá Ibn Sa'îd tentado com esta obra completar a obra de al-Idrîsî, acrescentando-lhe para isso informações de precisão geográfica que faltavam àquela (J. Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribi*, pp. 307-311).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Sa'îd al-Magribi, *Kitâb bast al-ard fî-tul wa-l-'ard* = *Kitâb al-Gugrafiyya*, ed. Juan Vernet (Ed. V), Tetuão, Instituto Mulay al-Hassan, 1958.
- Ed. Isma'îl al-'Arabi (ed. A), Beirute, Manshurât al-Maktaba al-Tigariyya li-l-Tiba'a wa-l-Nasr wa-l-Tawzi', 1970.
- Trad. e ed. parc. de Juan Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribi*, Sept.<sup>a</sup> de Tamuda, Ano VI, Sem. II, Tetuão, Editorial Genades, 1958, pp. 307-326.
- H. Mu'nis, *Târikh al-Jaghrâfiya...*, pp. 495-517.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

II – Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-'ard

Clima V – Secção primeira

[...] Em seguida [desde a ilha de Saltes] em direcção à foz do grande rio Guadiana, o qual cruza Mérida e Badajoz, são nove milhas. Seguindo para Tavira, vinte e três milhas, situando-se esta a noroeste do rio Guadiana. Depois, indo para a foz do rio de Santa Maria (1), dezoito milhas. Depois, para a foz do rio de Silves (2), vinte e oito milhas. Depois, para o golfo de Arrifana (3), quinze milhas. Depois para o Cabo dos Corvos oitenta milhas, e entra no mar este cabo vinte e duas milhas. Ele é a latitude extrema do Clima Quinto, cuja longitude é 6°.

NOTAS

- 1) O "rio de Santa Maria" seria o braço-de-mar mais próximo às muralhas da cidade, parte da actual Ria Formosa.
- 2) Ou seja, o rio Arade.
- 3) Este "golfo de Arrifana", refere-se claramente à baía de Lagos, e não à região de idêntico nome no actual concelho de Aljezur. Sobre o alfoz de Lagos, também designado "da Arrifana", e respectivas problemáticas de identificação, v. A. Rei, "Azóias / Arrábidas no Gharb al-Andalus e o Movimento dos Muridîn", *Xarajib* 2 (2002), pp. 53-61.

[...]

Clima VI – Secção primeira

[...] O primeiro que encontras dele [o Clima] sobre o Mar Envolvente é a Igreja dos

*II – Kitâb bast al-ard fi-l-tûl wa-l-'ard (Livro sobre a extensão da Terra em longitude e em latitude)*

Trata-se de uma obra geográfica organizada em função dos Sete "Climas", e de coordenadas geográficas atribuídas a numerosas localidades. Terá Ibn Sa'îd tentado com esta obra completar a obra de al-Idrîsî, acrescentando-lhe para isso informações de precisão geográfica que faltavam àquela (J. Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribî*, pp. 307-311).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ibn Sa'îd al-Magribî, *Kitab bast al-ard fi-tul wa-l-'ard = Kitab al-Gugrafiyya*, ed. Juan Vernet (Ed. V), Tetuão, Instituto Mulay al-Hassan, 1958.
- Ed. Isma'îl al-'Arabi (ed. A), Beirute, Manshurat al-Maktaba al-Tigariyya li-l-Tiba'a wa-l-Nasr wa-l-Tawzi', 1970.
- Trad. e ed. parc. de Juan Vernet, *España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribî*, Sept.<sup>a</sup> de Tamuda, Ano VI, Sem. II, Tetuão, Editorial Genades, 1958, pp. 307-326.
- H. Mu'nis, *Târikh al-Jaghrâfiya...*, pp. 495-517.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

*II – Kitâb bast al-ard fi-l-tûl wa-l-'ard*

Clima V – Secção primeira

[...] Em seguida [desde a ilha de Saltes] em direcção à foz do grande rio Guadiana, o qual cruza Mérida e Badajoz, são nove milhas. Seguindo para Tavira, vinte e três milhas, situando-se esta a noroeste do rio Guadiana. Depois, indo para a foz do rio de Santa Maria (1), dezoito milhas. Depois, para a foz do rio de Silves (2), vinte e oito milhas. Depois, para o golfo de Arrifana (3), quinze milhas. Depois para o Cabo dos Corvos oitenta milhas, e entra no mar este cabo vinte e duas milhas. Ele é a latitude extrema do Clima Quinto, cuja longitude é 6°.

NOTAS

- 1) O "rio de Santa Maria" seria o braço-de-mar mais próximo às muralhas da cidade, parte da actual Ria Formosa.
- 2) Ou seja, o rio Arade.
- 3) Este "golfo de Arrifana", refere-se claramente à baía de Lagos, e não à região de idêntico nome no actual concelho de Aljezur. Sobre o alfoz de Lagos, também designado "da Arrifana", e respectivas problemáticas de identificação, v. A. Rei, "Azóias / Arrábidas no Gharb al-Andalus e o Movimento dos Muridîn", *Xarajib* 2 (2002), pp. 53-61.

[...]

Clima VI – Secção primeira

[...] O primeiro que encontras dele [o Clima] sobre o Mar Envolvente é a Igreja dos

Corvos, famosa junto das gentes do mar. Entre ela e o Cabo dos Corvos, o qual foi referido no extremo da latitude do Clima Quinto, são sete milhas. A longitude ali, tomada desde as Ilhas Eternas (1), é de seis graus. Daí até onde está o rio Sado, no Golfo do Âmbar, quarenta milhas (2).

(Ed. V: pp. 99-100 e 111-112; Ed. A: pp. 178-179; trad., pp. 314 e 317-318)

NOTAS

- 1) Sobre as "Ilhas Eternas" do Atlântico, v. Demétrio Ramos, "Las Islas Desiertas del Atlántico y su inquietante mensaje", in *Amar, sentir e Viver a História – Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Lisboa, Colibri, 1995, pp. 331-343.
- 2) No texto: "*nahr Bû Dânis*" > "o rio de Abû Dânis", ou seja o rio que passa em Alcácer do Sal, que na altura tinha o topónimo "Al-Qasr Abî Dânis" > "o castelo de Abû Dânis", sendo Abû Dânis o epónimo de uma família que dominou Alcácer desde o século IX (cf. Ch. Picard, *Le Portugal musulman (VIIIe.-XIIIe. siècle)*, Paris, Maisonneuve et Larose, 2000, pp. 194-196).

**X – Abû I-Fidâ Ismâ'îl ibn 'Alî al-Ayyûbî**  
(Damasco, 672/1273 – Hamâ, 734/1334)

Vida

Príncipe de origem ayyubida, recebeu desde muito cedo uma educação com fortes componentes militares, religiosas e literárias.

Mais tarde, já soberano do emirado de Hamâ, foi ele mesmo um renomado letrado, ao mesmo tempo que era também um mecenas para os outros intelectuais que demandavam a sua generosa protecção.

*Taqwîm al-Buldân (O Almanaque dos Países)*

A sua obra geográfica, *Taqwîm al-Buldân*, terminada em 721/1321, compendiou várias fontes, orientais e ocidentais. Entre elas, e no relativo a al-Andalus, a sua fonte, por excelência, foi Ibn Sa'îd. Não se sabe se ele terá usado tanto o *Mughrib* como o *Bast al-Ard*, ou se terá tido acesso a algum texto de síntese, que por sua vez já se tratasse de uma refundição daqueles dois textos.

(H. A. R. Gibb, "Abû I-Fidâ", *E. I.* 2, t. I, p. 122)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abû I-Fidâ, *Taqwîm al-Buldân*, ed. M. Re naud e M.G. de Slane: *Géographie d'Aboulféda*, Paris, 1840, pp. 165-170.
- Trad. francesa M. Re naud e St. Guyard: *La Géographie d'Aboulféda*, Paris, 1848.
- H. A. R. Gibb, "Abû I-Fidâ", *E. I.* 2, t. I, p. 122.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

Silves (Shilb)

O reino de Silves, que é província e cidade, está a noroeste de Sevilha, junto à costa do Mar Circundante (1). A cidade de Silves está junto ao mar, e entre ela e Córdoba são nove dias.

Silves é uma cidade bela, famosa pelos seus letrados.

Nela se criou al-Mu'tamid ibn 'Abbâd, e em Silves existe o Palácio das Varandas, à cerca do qual ele disse:

"Saúda o Palácio das Varandas da parte de um jovem

*Que tem um perene anseio por esse Palácio".*

Os seus governadores eram enviados desde Sevilha.

[...]

Al-Mu'tamid ibn 'Abbâd governou Silves, antes referida, no tempo de seu pai, e nela se criou. Silves detêm distritos fiscais, estando entre eles o da cidade de Santa Maria [...].

(Ed., p. 167)

NOTA

- 1) V. supra al-Râzî, n. 1. O restante da notícia segue quase literalmente a sua fonte, Ibn Sa'îd (v. supra).

[Santa Maria |Faro] (Shantamariyya)]

Santa Maria, a qual está no Ocidente de al-Andalus, na região de Silves. [...] que não é a Santa Maria que fica no Oriente de al-Andalus (1).

Originário da citada Santa Maria do Ocidente, é um grupo de notáveis, sendo a *nisba* (2) com ela relacionada, *Shantamariyy*.

(Ed., p. 168)

NOTAS

- 1) V. supra Ibn Sa'îd.  
2) Adjectivo antroponímico árabe que nos informa acerca da origem ou local de residência de alguém.

[Igreja dos Corvos (Kanîsat al-Ghurâb)]

Diz Ibn Sa'îd: a primeira construção, dentro do Clima Sexto, junto ao Mar Circundante, é a Igreja dos Corvos, famosa junto das gentes do mar.

(Ed., p. 169)

## NOTA

- 1) Sobre a "Igreja dos Corvos", junto ao cabo de S. Vicente, v. al-Idrîsî: J. Pedro Machado, "A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árabe do Séc. XII", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 1-3 (1964), pp. 17-53; A. Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989, vol. 1, pp. 66-67; José D. Garcia Domingues, "Presença Árabe no Algarve", *Moçarabe em peregrinação a S. Vicente*, Lisboa, Caminus, 1990, pp. 17-25.

**XI – Shihâb al-Dîn Abû-l-'Abbâs Ahmad ibn 'Alî al-Qalqashândî**  
(Egipto, 756/1355 – 821/1418)

*Vida*

Nascido perto do Cairo, numa família de eruditos. Completou os seus estudos jurídicos em 778/1376-7. Tendo-se dedicado entretanto ao ensino, no ano de 791/1389 tornou-se secretário da chancelaria da administração mameluca. Aí se manteve até ao final da sua vida. Faleceu em 821/1418.

*Subh al-A'shâ' (A Alvorada do que não Vê)*

Não se trata de uma obra geográfica em si mesma, mas antes de um "manual de secretariado" (*kitâba*).

A geografia, ciência conexas da "arte [ou normativa] do secretariado", e os seus respectivos conhecimentos, eram de grande importância para um aparelho administrativo, pois este deveria ter uma ideia, o mais precisa e nítida possível, do espaço sob o qual se estendia o poder de que eles eram emissários e, de alguma forma também, executantes.

(C. E. Bosworth, "al-Kalkashândî", *E. I.* 2, vol. IV, pp. 531-3)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Al-Qalqashândî, *Subh al-A'shâ'*, ed. Muh. 'Abd al-Rasûl Ibrâhîm, XIV vols. Dâr al-Kutub al-Khadiwiyya, Cairo, 1331-38 / 1913-20.
- Trad. parc. espanhola Luis Seco de Lucena, *Subh al-A'sha fi Kitabat al-Insha'*, Valência, Anúbar, 1975.
- C. E. Bosworth, "al-Kalkashândî", *E. I.* 2, t. IV, pp. 531-3.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

"E entre os reinos dependentes de Sevilha, está o

*Reino de Silves (Mamlakat Shilb)*

É província e cidade, a noroeste de Sevilha, junto à costa do Mar Circundante.

Entre ela e Córdoba são nove dias. Nesta Silves existe um Palácio conhecido como Palácio das Varandas, à cerca do qual dizem alguns dos seus poetas:

"[...] Saúda o Palácio das Varandas da parte de um jovem

*Que mantém um perene desejo por esse Palácio [...]*".

(Ed., vol. V, 1333/1915, p. 226; trad., p. 36)

#### NOTA

*Preliminar:* Al-Qalqashândî repete o que vem de Ibn Sa'îd, através de Abû-l-Fidâ (v. *supra*).

## XII – *Dhikr Bilâd al-Andalus* (Menção das Regiões de al-A.)

(Magrebe – Séculos XIV-XV)

### I – A Obra – origens, época e autor

Obra tardia, Luis Molina que a traduziu e estudou, editando-a em conjunto com o texto árabe, situa a sua origem entre a 2.ª metade do século XIV e todo o século XV, ou seja ao longo de todo um período de cerca de 150 anos.

Seguindo o esteio de Molina, trata-se de uma obra que é apenas uma compilação, por vezes cópia literal de obras anteriores, mas das quais nem sempre dá referências dos seus nomes ou dos seus autores.

Não se sabe quem foi o seu autor, ou talvez antes, o seu copista. Por esta razão, Molina intitulou a sua tradução de *Crónica anónima de al-Andalus*. Sabe-se apenas que era do Magrebe e que estaria muito próximo da órbita cultural da cidade de Fez, durante o período merinida.

Nas informações de tipo geográfico, seguiu de perto os autores: al-Zuhrî, no seu *Kitab al-J'arafiyya*, e al-'Udhri no seu *Tarsi' al-Akhabâr*, embora este último talvez de forma indirecta, através dos relatos de al-Qazwinî e de al-Himyarî.

As referências de tipo histórico colheu-as o autor, principalmente, no *Rawd al-qirtas*.

### II – O Ocidente peninsular no *Dhikr*

O autor não conhecia a realidade que descrevia, valendo-se de descrições anteriores, que tudo leva a crer nem sequer as ter confrontado, e nunca tendo pisado território peninsular, apresenta bastantes imprecisões na localização das cidades e dos rios.

A sua descrição centra-se nas principais cidades, descrevendo-as e às regiões circundantes de uma forma mais ou menos geral. Refere para o território português, as seguintes cidades: Lisboa, Santarém, Silves, Coimbra, Beja, e, de forma subsidiária, Évora.

Curiosamente o autor identifica "Portugal" com "Coimbra".

Quanto a esta questão, Luis Molina identifica "a cidade de Portugal" com a cidade

do Porto; e, J. Vallvé identifica-a como sendo Lisboa (*La División Territorial de la España Musulmana*, Madrid, CSIC, 1986, pp. 318-9). Nenhum deles, no entanto, analisa os outros dados que a obra fornece, e que nos apontam claramente para Coimbra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *Dhikr Bilâd al-Andalus*, ed. e trad. espanhola de Luis de Molina, Una Descripción Anónima de al-Andalus, II Tomos, Madrid, CSIC, 1983.
- Trad. port. A. Rei, *O Gharb al-Andalus na Geografia Árabe (sécs. IX-XVII)*, no prelo.

*Notícia sobre a cidade de Silves (Madînat Shilb) do ocidente de al-Andalus*

A cidade de Silves está num local elevado e tem um aspecto extraordinário; tem nobreza, beleza, fortaleza, bondade, fertilidade e perfeição. A sua situação é excelente, a sua hospitalidade acolhedora, a sua inacessibilidade manifesta e a sua terra extensa. Junta a tudo isto muitos benefícios, proveitos e qualidades.

Dela depende o distrito de *Saqlab* (1), rendendo nele, cada cafiz (2), cem cafizes ou mais. Encontra-se lá um mármore resplandecente.

É uma cidade antiga, tão antiga que não se sabe que povo a construiu; de tipo médio e estilo elegante, amplas ruas, bonitos edifícios, poderosa, e com os seus mercados, os seus caminhos e as suas ruas, tudo isso pavimentado com mármore.

Está edificada nas margens do rio Guadiana, que é um rio por onde sobe a maré do Mar Circundante, de onde procede o âmbar. A origem deste rio é num local conhecido como *Fajj al-'Arûs*, no *Fahs al-Fajj*; aí diminui infiltrando-se, reaparecendo próximo de Calatrava; diz-se também que reaparece no nordeste de al-Andalus. A sua medida é trezentas e vinte milhas, e diminui entre Mérida e Badajoz (3).

Na cidade de Silves há numerosos vergéis e jardins, edifícios imponentes, [várias] espécies de aves e águas abundantes que emanam de muitas fontes.

Nos seus arredores há planíces de aluvião (4), e prados que nos fazem crer serem hortas floridas; águas fluindo de fontes, que as deitam transparentes, junto a elas aparecendo maciços de pinheiros e nogueiras comuns, de amplas sombras.

Silves distingue-se pela abundância de uvas, figos lampos, açoifeiras e as muitas amêndoas. E são vendidas as passas de uva em Silves, ao longo de todo o ano, a dois *dirham[s]* o quintal (5), bem como os figos; as amêndoas, a *dirham* cada dez *sâ'ls* (6).

Frente a ela (Silves) está a montanha *Jabal al-Janna* (7) a qual não se assemelha a (qualquer) planície nem montanha. Pasma o olhar em (frente) de campos de lavoura, pastagens, prados, rios caudalosos e alfobres frutíferos; há lá muito mel.

Silves supera todas as regiões de al-Andalus pela abundância de esplêndidos bens, de frutos apetecíveis, da muita caça e da muita pesca; por tudo isto logrou prestígio elevado e glória renomada.

Isto relata Abû 'Abd Allâh Muhammad ibn Muzayn al-Azdî (8) na sua obra histórica chamada *Silat al-Mughrib fî akhbâr al-Andalus wa-l-Maghrib*. Diz o autor dessa História:

"De entre as cidades de Silves e dos seus distritos, está a cidade de Ocsónoba, cidade de tipo médio, que está perto do mar; encontrando-se no seu mar âmbar de qualidade. Tem também uma mina de prata e uma pedreira de mármore".

Entre Silves e Santarém são sessenta milhas (9), e entre ela e Córdoba, oito dias.

De entre os seus distritos está a cidade de *Madînat al-Faraj*, a qual fica em Guadalajara (10), a qual é extrema entre os alfozes de Silves e os de Toledo (11).

(Ed., pp. 53-54; trad., pp. 59-60)

#### NOTAS

*Preliminar:* Notícia muito compósita, onde se misturam passagens de várias proveniências, e algumas delas bastante equivocadas, pois claramente não dizem respeito a Silves, como se pode aperceber pelas localizações, confrontações e distâncias.

- 1) Um equívoco, pois *Saqlab* era na região de Santarém.
- 2) Medida de capacidade para secos, que em al-Andalus valia cerca de 29,326 kg (A. Rei, *Pesos e Medidas de origem islâmica em Portugal. Notas para o seu estudo*, Évora, Câmara Municipal / Casa da Balança, 1998, pp. 13 e 20).
- 3) Novo equívoco, agora entre o Arade e o Guadiana.
- 4) Possível nova contaminação a partir do *Saqlab* em que estas *jazâ'ir* serão as "lezírias do Tejo"?
- 5) Sobre esta medida, o seu valor e vigência em al-Andalus, ver J. Vallvé, "Notas de Metrologia Hispano-Árabe II – Medidas de Capacidad", *Al-And.* XLII (1977), 61-121.
- 6) Sobre esta outra medida, v. *idem*.
- 7) Esta "Montanha do Paraíso" poderia ser a Serra de Monchique.
- 8) Muhammad ibn Muzayn, historiador do século X, da família dos Banu Muzayn de Silves. A obra identificada no texto tem sido referida, em tradução, como *História da Espanha Árabe* (Cf. J. D. Garcia Domingues, *História Luso-Árabe*, pp. 89, 120, 123-124, 128, 326-327; Adel Sidarus, "Um Texto Árabe do Século X...", *A Cidade de Évora*, n.ºs 71-76 [1988-93], p. 8).
- 9) Novo equívoco quanto às distâncias entre estas duas cidades.
- 10) Vallvé identifica em *La División Territorial...* (p. 235) a mesma povoação sob os dois nomes: "*Madînat al-Faray* o Guadalajara".
- 11) Seriam talvez os limites entre Sevilha e Toledo, pois Silves jamais extremou com Toledo.